

Entrevista com Aliete Silva Neves (acompanhada de sua neta, Ivete), 14/09/2019

Local da entrevista: Rua Joaquim Tenório.

Entrevistadores: Nathalia Knopp Ferreira

Video e Audio: Luciane Chagas Brasil e Heraldo Bezerra

Luciana Chagas Brasil : Ta ok a câmera

Heraldo Bezerra: Ta ok

LCB: Áudio ok .Gravando

Nathalia Knopp Ferreira: Bom dia

LCB: Bom dia

NKF: Meu nome é Nathalia e eu queria começar pedindo pra senhora contar um pouquinho sobre a historia da sua família...

LCB: Primeiro... Primeiro pergunta o nome o nome, a idade...

NKF: Começar de novo

LCB: É. Não precisa começar de novo não...pergunta o nome e a idade

NKF: Qual nome...

Aliete Silva Neves: Aliete Silva Neves, 82 anos.

NKF: Eu queria começar pedindo pra senhora contar um pouquinho como é a historia da sua família e como eles conheceram a vila operaria...

ASN: Ah, eu casei com um senhor já de idade com 5 filhos, e já faz quase 50 ou mais de 50 anos que a gente mora aqui na vila, e ...ele faleceu, os filhos todos casaram, cada um foi pro seu canto, eu moro aqui sozinha... E to vivendo até hoje, houve muitos problemazinhos no começo, um era dono disso aqui, outro não era, um queria entrar, a casa tava pronta, mas graças a deus não houve mais nada.

NKF: E como que foi essa mudança da senhora, aqui pra vila operaria e o que isso trouxe pra vida da senhora e da sua família?

ASN: Eu...No ano que eu casei, casei em janeiro, dezembro entrei no hospital, fui sair em setembro, no hospital uma pessoa me falou que tava dando terra aqui no lugar, ai eu falei com meu marido que ele arrumasse um cantinho, que fui morar no Centenário, vim La do norte com 5 filho, aquela base, sem nada, sem nada. Eu não sabia o que era favela, não sabia aquelas coisas, pensava que tudo era, não é, ai eu vim morar aqui, pedi ao seu Barboza que era quem mandava aqui não é, pedi um lugarzinho a ele,ele mandou arrumar aqui, ai graças a deus meu marido foi construindo e... Fui vivendo até hoje

NKF: E a senhora lembra é quando que surgiu a vila operaria e quem foram os envolvidos na criação da vila operaria e como era a criação da família naquela época que a vila foi construída

ASN: Foi, pessoal foi construindo devagar, vim morar aqui graças a deus achei bom No começo era bom, no começo nem tinha asfalto, não tinha nada, não tinha água, era tudo de poço, foi tranquilo, não tinha essa bandidagem que tem hoje...(risos)

NKF: Como que foi a infância aqui na vila operaria, a senhora lembra de algo marcante, alguma historia, que marcou?

ASN: Minha infância aqui foi boa, aqui não tinha escola não é não tinha nada. E eu La do norte não é era professora do ensino primário então essas criançadas todas aqui, já tinha gente que era avô... Ai eu montei uma escolinha, tinha muita criança aqui, eu ensinava de manha até as 11 e meio dia eu começava outra, e a tarde outra, e eu sei que a infância aqui foi boa, só foi isso não é, ensinar as crianças, ensinava a bordar, tudo era bom...

NKF: A relação com os vizinhos também era boa?

ASN: Era boa, é, até hoje graças a deus

NKF: Tinha muitos problemas naquela época?

ASN: Não, olha eu saia, minha casa ficava aqui aberta, até hoje mesmo eu saio e deixo aberta, um dia eu sai, uma senhora veio aqui e perdeu a chave aqui no portão, ai um bandido achou e veio aqui e entregou na porta, só que eu não em tive coragem de dar água pra ele ai ele saiu.

HB: A senhora veio de que lugar do norte

ASN: Eu vim da Paraíba, de Espirituba...

HB: É mais pra, pra... Agreste?

ASN: Eu morei em “Cafeles”, de “Cafeles” sai da roça, La eu plantava, limpava, trabalhava de capinar, ai vim pra Cidade, ai a vida aqui na cidade não gostei muito não, ai minha mãe morreu, ai meu irmão me levou pra “Guarabira”, em “Guarabira” também não foi também La essas coisas, ai arranjei emprego ai trabalhei, e os pouco tempo apareceu esse viúvo, perguntou se eu queria casar com ele, e ele me trazia aqui pro rio ... Eu pensava que o rio encontrava tudo de bom aqui, ai vim... Não era aquelas coisas, mas me dei bem.

LCB: Com quantos anos a senhora veio pra cá?

ASN: Vinte pros vinte e um eu fiquei sem pai sem mãe,

LCB: Veio direto pra Caxias ou pro centenário?

ASN: Não eu vim pro centenário

HB: Encontrou mais paraibanos aqui?

ASN: Encontrei, tem muita gente aqui, no periquito La na Albuquerque, tem uma sobrinha que moram pra lá, e... Aqui em cima também no morro tem uns primos, sobrinho sobrinha, agora filho eu não tive, meu marido era 5 filhos que ele trouxe, agora as filhas dele tem uma filha que me deu 3 filhos, Ivo, essa daí, Ivete e Iraci, me deu esses três, mas eu tenho néto, bisnéto, tataranéto, eu não sei mas nem o que é mais, tudo deles, mas filho meu mesmo não tive não

NKF: A senhora lembra de ter sofrido algum tipo de preconceito aqui na vila operaria por ter vindo da Paraíba ou preconceito em relação a mulher ou negro?

ASN: Não, não Eu quase nem saio de casa, só saio de casa assim pra fazer compra, pra ir num medico, mas pra sair assim pra... Agora aqui do começo era bom 12 de são João, aquela quadra ali carnaval ali tudo, era festa, essa senhora aqui de frente ai fazia festa de quadrilha, era bom era ótimo, mas ai agora esquentou mas é em todo lugar não é

NKF: A senhora lembra um pouco da construção da casa da senhora, da sua infância, e como as coisas foram mudando até hoje...

LCB: No caso infância... Ela veio pra cá já adulta.

ASN: Eu vim adulta, quando vim a casa já tava pronta, fiquei la no centenário, meu marido tinha muito conhecido e um patrão que era muito bom pra ele, foi que ajudou tudo ele aqui, ai ele foi tirando tijolo e tudo em folha não é ai quando chegava o pagamento ele descontava, foi feito assim.

LCB: Essa casa aqui, ela foi construída como, fizeram primeiro lá em baixo?

ASN: É, Depois eu... Joguei muito aqueles negocio do baú do “Silvios Santos” , aquelas coisinhas NÃO É, ai quando eu recebi, não ganhei nada, nem fui premiada nada, mas ai eu fui com aquele dinheiro eu fui tirar de mercadoria, ai eu vendi a mercadoria que tirei do baú, com aquele dinheiro comecei a comprar na rua da alfândega... Nessa época tava calça jeans jaqueta, tava na moda, ai eu comprava, recebia dinheiro, comprava panela de pressão, prato, tudo que tinha La parece na época deu 7, 7 contos não sei mais... Eu sei que na época era muito dinheiro, ai eu ia La e tirava ai o rapaz disse que se a senhora vendesse jaqueta eu queria a jaqueta, ai eu pegava a jaqueta e passava pra ele, recebia a entrada, ai eu.. Ai eu... Por ai eu fui fazendo com um mês ou 2 meses eu já tava com, parece que era 10 contos... Eu não lembro assim o dinheiro, ai eu guardava 5 o outro 5 digo vou botar. Ai meu marido precisou de dinheiro que ele tinha uma questão ai o advogado pediu parece 6 ou 7 , depois que eu vendi dei os troços do Silvio santos, ai

dei os 6 contos pra ele e fiquei com 1.50, 1,500 ai eu disse esse eu vou jogar se eu ganhar esse é meu . Ai fui vendendo roupa, ai adoeci e fui pro hospital e não consegui mais vender nada.

NKF: Então a senhora sempre morou nessa casa desde que chegou na Vila?

ASN: Quantos anos Ivete? 39 anos que eu moro aqui, e aqui eu construí com esse dinheiro que eu ganhava na rua, assim... A prestação

Ivete: Acho que... 60

ASN: Não sei Ivete, não lembro

Ivete: A senhora casou em qual ano a senhor lembra?

Ivete: E a senhora veio quando?

ASN: 8 de janeiro

Ivete: E quando a senhora ficou La

ASN: Não faz nem 2 anos

Ivete: Então em 63 mais ou menos eles vieram pra ca, nessa data...

NKF: E os filhos, seus afilhados, enteados, como que eles estão hoje em dia, estão morando na Vila Operaria?

ASN: Um faleceu, um faleceu, foi o “Civirino”, um mora La... Onde? Em São Vicente

Ivete: O “Civirinho” morava ali, Na casinha de trás, primeira casa que eles construíram

ASN: A Maria Jose mora em São Paulo e tem duas que são gêmeas mora em parada angélica, tudo bem tudo nas suas casas, casa própria.

NKF: A senhora tem alguma lembrança do Banco Nacional de Habilitação, fazendo algum projeto aqui?

ASN: Não

NKF: A senhora soube de uma remoção na vila operaria?

ASN: Não

HB: Houve BNH aqui?

ASN: Ah?

HB: BNH

ASN: Não, nenhuma BNH

NKF: A senhora lembra de como que os moradores se reuniam na época, pra resolver algum problema e como eles faziam pra melhorar as condições de vida?

ASN: Eles faziam reunião, dava certo outras vezes não dava, até parece que ano passado outras vezes teve reunião pra conseguir um documento ai... Usucapião, mas não deu nada...

Ivete: Foi até o vereador Osvaldo que tava a frente dessa situação.

ASN: É...

Ivete: Faleceu não é?

NKF: A senhora lembra da época que a senhora chegou pra cá, a senhora lembra quem ficou na linha de frente pra resolver os problemas?

ASN: Quando começou logo foi O seu Barboza, seu Barboza que deu isso aqui ele até foi vereador, mas na outra campanha não ganhou mais atrapalhou se um pouco

LCB: A senhora tinha contato com ele, amizade...

ASN: Tinha.

LCB: Me fala da lembrança que a senhora tem dele...

ASN: Pra mim ele foi um homem bom, ele auxiliava sempre as pessoas, inventou de comprar ai uma Kombi, que ajudava as pessoas... As pessoal doente que precisava ai levava pro hospital.

NKF: Hoje em dia tem alguma organização ou associação dos moradores aqui em vila operaria?

ASN: Ò que Ivete? Tem, tem associação, só que não participo não.

HB: Sempre teve?

ASN: Sempre teve, mas não achei futuro.

NKF: O que a senhora acha que mais mudou aqui na Vila Operaria, desde que a senhora veio até hoje, que a senhora percebeu de mudança?

ASN: A única mudança que noto aqui é porque fizeram asfalto colocaram água luz, que aqui era tudo sem nada, água, foi que fizeram isso aqui, Ivete, esse negocio de asfalto foi no tempo do Osvaldo não é foi antes?... Melhoramento que fizeram foi essa quadra, esse posto....

LCB: A senhora tem fotos dessa época?

ASN: Tenho não, tenho não.

LCB: Nenhuma foto de quando a senhora veio pra cá foto de família.

ASN: Tenho não, naquele tempo acho que era difícil.

NKF: A senhora tem uma relação de como foi evoluindo a sua família aqui não éssa casa, foram tendo filhos e nétos, aqui na casa, historia marcante... Como as coisas foram evoluindo.

ASN: Eu nem sei te dar essa resposta...

Ivete: As meninas casaram... A senhora criou quantos nétos?

ASN: Eu peguei 3 netos, esqueci de falar pra ela, peguei uma de rua não é, ela mora lá no lixão, ontem ela teve aqui... E... Só, n lembro muito não, menina, eu criei tanto filho, 5 enteados, criei 3 meninas, parece que foi 11. Criei ó, eu to doente precisa de um, não tem, ai diz assim: “ logo eu, chama outra pessoa ai”... É assim.

NKF: Mas nenhuma mora aqui não é?

ASN: Não, só ela, também sobrou pra ela, pra tudo...pra medico comigo, fazer compra... Tudo. Ai quando preciso de outra , diz assim: a senhora não anda mais Ivete, porque não chama ela?, mas graças a deus não é nenhuma me deu trabalho, que eu vejo ai criou “uma pessoa”... Nossa senhora deus me livre. Não me deu trabalho mas é elas lá e eu aqui. É difícil vir aqui só dia das mães, ou então quando faço algum almoço e chamo todo mundo que vem, é difícil vir aqui. Tem quem não vem porque tava trabalhando, mas quem trabalha em comercio não tem tempo pra nada não é, tem umas 3 ai pessoas que trabalha no comercio, essas 3 eu dispenso porque não tem tempo mesmo.

NKF: A senhora sabe da Prefeitura, dos diferentes governos que tentou administrar vila operaria trazer alguma mudança com o passar dos tempos.

ASN: Foi quando Ivete, essa ano ou ano passado antes desse prefeito, como chamava ele?

Ivete: (Inaudível)

ASN: É... Alexandre Cardoso que fez uma reunião aqui em cima faliu que ia fazer uma mudança aqui e todo mundo ia ganhar esse documento Ivete, que ia fazer usucapião, e vai e vai não resolveram nada e foi outro plano que ele inventou, e foi Ivete, que ele disse que ia dar nem foi usucapião, foi outra coisa, não lembro o que, eu sei que eu fui pra essa reunião ...

LCB: Esse “microfonão” é aqui , não ta pegando...

ASN: Antigamente que a gente pagava imposto, ja faz uns 4 anos.

Ivete: E a gente não paga...

LCB: Vocês não pagam mais imposto?

Ivete: Foi considerada área de risco...

ASN: Já fazem uns 3 anos.

LCB: Fez todas as perguntas?

NKF: “Uhum”...

LCB: A senhora falou que veio do centenário, e depois morar aqui a senhora lembra do ano exatamente?

ASN: Eu vim morar aqui em fevereiro, em 63 só não sei a data...

LCB: A senhora não tem assim como me descrever a rua, como ela era na época?

ASN: As ruas eram todas esburacada na época, as casas não era assim tudo pintadinho tudo bonitinho não, era uma favela mesmo, só que naquela época eu não sabia esses negócio de favela não, tinha até um nome que chamavam, vila, sei La um nome estranho, mas não era tudo bonitinho assim não, mudou muito. E o dinheiro naquele tempo era curto não dava não, pra fazer um melhoramento, fazer uma coisa, ai foi que foi melhorando cada um pintou emboçou sua casa, colocou tijolo, ai teve uma ordem ai que se tivesse casa de tabua tinha que tirar e por tijolo, que não queria mais tabua na vila, e foi assim...

HB: Como foi essa chegada na vila... E quem fossem chegando?

ASN: Chegava ai ia no seu Barbosa, se tivesse ele dava, foi no inicio que abriu, isso aqui era um buraco, meu marido, deu um trabalho danado pra cobrir isso aqui tinha uma pedreira alia trás que ele quebrava pedra pra tampar esse buraco.

HB: E vinha mais gente de onde pra cá...

ASN: Vinha gente de todo lugar, só que foi melhorando e foram comprando terra fora, eu cheguei a comprar um terreno mas achei pior que aqui, aqui eu tinha 5 enteados, tem que... Comprava uma casa que eu ia dar essa casa pra eles, mas la eu não gostei ai vim pra cá de novo.

LCB: A senhora lembra de alguma construção da sua época que tenham ajudado a construir, Escola posto...

ASN: É igreja, igreja de nossa senhora aparecida.

LCB: Me conta um pouco da historia dessa igreja, que a senhora lembra.

ASN: essa igreja ai surgiu o padre Horácio, que comprou, la tava vazio e meu marido ajudou muito, agora ta toda bonitinha.

LCB: E o que era a igreja antes?

ASN: Antes era uma ... Mataram até uma senhora na própria casa, ai o filho, o próprio filho, Ivete, parece que chamava "Lisete" ou "Elisete", ela era cabeleireira e tinha um filho assim meio... Paraquedista que ele era. Ai essa morte foi, inventaram de vender, ai falaram tem uma casa era boa, a casa era boa mesmo, ai o padre comprou esse terreno e fez a igreja nossa senhora de aparecida, mas primeiro houve esse lance.

LCB: E quantos anos isso?

ASN: Minha filha não sei quantos anos faz, já houve festa, já houve aniversário mas não gravei, faz mais de 20 anos, eu acho

NKF: A senhora lembra como a maioria dos moradores trabalhavam?

ASN: Eu falo trabalhava assim, nunca trabalhei fora não, eu tinha a escolinha, só isso que eu tinha .

LCB: Escolinha a senhora fala lá?

ASN: trabalhava aqui em baixo.

LCB:Dava aula a onde?

ASN: La em casa mesmo, tinha um quartinho eu tinha um primo que fez as carteiras pra mim fez o quadro, toda organizadazinha.

HB: Vou cortar aqui... Esperar passar esse caminhão.

ASN: Pode encostar?

LCB: Pode. Take 2, gravando

NKF: A senhora lembra de como que as pessoas viam a vila operaria... Como que a vila operaria era vista...

ASN: Não sei a pergunta

LCB: se as pessoas gostavam da vila operaria...

ASN: Gostavam...

HB: Ninguém falava mal não?

Passava dias a gente ia... Da cidade dizia menina quanta casa boa por aqui, casa grande, aqui era calmo, aqui era muito bom. Eu inda Comprava leite, o garoto vendendo leite assim... No cercado que tinha ali pra baixo, leite daquelas garrafas, passava aqui vendendo leite em garrafa, era muito bom.

HB: A pergunta é sempre, como que as pessoas faziam pra se divertir aqui? O que tinha de festa, como era essa vida?

ASN: Tinha festa é, tinha festa assim, noite de são João, cercavam aqui, aquela quadra ali, vinha casamento de todo é lugar, casamento de caipira não é, era muito bonito, era muito animado mesmo, não tinha essas mortes que tem hoje não, ninguém pode mais não ém fazer uma festa, que ta arriscado invadir e também participar, mas naquela época não, era aberto, as porta aberta da nossa senhora aqui de frente, e... De...noite de natal, noite de ano era baile, era comida, era bebida, era quintal, tudo ela fazia...

Ivete: Dona Civirina...

ASN: É... Tinha baile ali toda sexta feira, era divertido... É tanto que hoje, hoje, eu tenho comadre que saiu daqui e foi morar lá em nova Iguaçu, mora quase no centro, mas não tem padaria perto, não tem mercado perto, não tem negocio de vender cerâmica

não é perto, pra você ver aqui tudo tem, tem até cemitério, pessoal ou viva, La é padaria é escola, la é mercado, tem até o cemitério pertinho (risos).

HB: Então construção civil sempre teve, sempre teve loja de construção civil pra compra tijolo, areia...

ASN: Tem, teve.

HB: como que as pessoas faziam pra comprar as coisas pra fazer as casas delas?

ASN: Tinha um mercadinho, meu marido comprava, muito o era não em casa, era assim no campo, muito, n areia tijolo, tudo depois que foi que começaram a construir e fazer o lugar de vender, ali perto do extra ali perto do cemitério.

NKF: Aqui na vila operaria a maioria das pessoas trabalhavam com o que? Assim, quais eram as funções das pessoas...

ASN: Trabalhava assim, em casa de família, vizinho, muita conhecida minha até hoje mesmo trabalho.

Ivete: Tinha fabrica não é. Meu avo mesmo trabalhou

ASN: É ele trabalhava em fabrica, fabrica de serra.

Ivete: “Cerraço”.

HB:E... E as igrejas aqui... Já tinha igrejas?

ASN: Tinha não.

HB: Católicas... A senhora lembra?

ASN: Padre Horacio ele era italiano e comprou essa casa que te falei e tinha outra aqui em cima que é nossa senhora de “Guadalupe”, padroeira, tudo pessoa assim, fazendo vaquinha e construindo. Aqui mesmo nossa senhora de aparecida, porque não é terreno próprio o papa não cedeu ajudar quem foi ajudando era esse padre, a gente fazendo festa, a gente fazendo festinha era bom era animado era uma beleza, e fomos construindo a igreja. Tinha um senhor ai que ele se chamava senhor Ribeiro , ele era ate meio doente assim de uma perna, ele foi que fez, ajudou, fez tudo, mas também quando terminou de construir a igreja ele me chamou assim e disse olha dona a igreja ta pronta graças a Deus se eu morrer morro tranquilo, poucos tempos ele morreu, começou a fazer exame dessa dor que tinha nas pernas e... Era câncer do osso, ai ele faleceu. Mas ele deixou a igreja prontinha. Eu doeí o sino da igreja foi eu que doeí. Aqui seu Erbilho "Vamos comprar o sino!".

HB: Então existia uma coisa... De comunidade mesmo.

ASN: É...

HB: Comunitário.

Ivete: É isso ai mesmo, sempre existiu.

ASN: Sempre existiu,

Ivete: Daqui um tempo quando a gente veio pra cá não tinha as igrejas nossa senhora de Fátima.

ASN: É nossa senhora de Fátima 25 de agosto,

Ivete: Então juntava o pessoal todo e ia pra lá. Não tinha aquela igreja ali em cima, parte de baixo

ASN: Era de taboa

HB: e os evangélicos, crentes, igrejas evangélicas já tinha?

ASN: Os crente não tinha não, era difícil.

Ivete: Foi surgindo assim aos poucos devagar e tal, o que tinha mais era católica mesmo.

Ivete: E da umbanda que tinha um centro aqui do lado.

ASN: Essa casa aqui era o centro.

LCB: A senhora lembra como era a casa aqui do lado? Se era centro de umbanda se teria mais lugares que tinha...

ASN: Não, só teve esse, na época que eu cheguei logo pra aqui só tinha esse. Ela morreu também.

Ivete: Qual era o nome?

ASN: Dona Francisca, “Francisquinha”.

LCB: Quando a senhora veio pra cá a senhora lembra se tinha algo referente a escravidão, alguma coisa por perto, algo assim?

ASN: Lembro não

LCB: Tipo pau de arara ou coisa assim...

ASN: Não lembro não

LCB: Qual a memória que a senhora tem das pessoas da sua época, do nome das pessoas que a senhora lembra que a senhora frequentava as casas, que possam existir ainda

ASN: Eu tenho uma comadre que morava aqui no fundo na outra rua, eu gostava muito de conversar com ela, os assuntos daqui ela falava, assim morte, quando matavam um bandido ela falava assim vamos olhar, ai dizia assim vamos, e a gente ia olhar, quando cheguei Lá o home tava assim com as perna assim, ai botaram um lençol por cima, minha filha deu um vento aquilo balançou, debaixo do lençol e eu pensava que era o homem que tava vivo querendo se levantar e me mandei (risos) me mandei correndo

nunca mais fui olhar não é gente assim, o povo que morreu, mas todo mundo que o povo matava eu ia com ela olhar quem era, que ela foi roubada, ela era roubada, ela montou um barzinho ali atrás e ela era sempre roubada, as vezes coitada, faturava durante o dia de noite ele vinha buscar, ai ela teve que sair daqui, ai por fim mataram, mataram e quando o povo passaram do enterro uns olhava assim pra casa dela, até parava e ficava olhando, ai ela desconfiou, ficou com medo, ela disse sabe uma coisa, ai o padre Horacio falou com ela, se mude, saia daqui, se trabalha, roubam seu dinheiro, ela foi e ta muito bem minha filha, ta em nova Iguaçu, as filhas tudo bem, casou tudo, cada uma com seu apartamento, carro e tudo. Foi uma benção ela ter saído daí.

HB: E... Qual lembrança a senhora tem dos primeiros comércios? A senhora lembra assim...

ASN: Quando começou logo ali na frente, esse bom preço, começou pouquinho não é, mas sim, sim, coisinha pouca, tinha padaria também, tudo aos pouquinhos, depois que foi crescendo, tomei quase 50 anos, foi evoluindo...

Ivete: Ali no seu Adolfo, loja de doce...

ASN: É... É...

NKF: A senhora lembra da escola... Como que ela surgiu, se ela já existia, se as crianças daqui frequentavam...

ASN: As meninas aqui tudo estudou lá, ela frequentava a escola, foi assim ajuda também não é...Esse seus Barboza foi que foi arrumando dinheiro, tinha usa sociedade aqui também naquela época, acho que era 2 reais, eu sei que foi juntando fez a escolinha, não tinha escola pros filhos os pais ia lá e ajudavam, ele fazia reunião La e pedia pras pessoas.

LCB: A senhora participava dessas reuniões?

ASN: A uma vez, não era toda vez não.

LCB: a senhora chegou a conhecer a esposa dele?

ASN: cheguei.

LCB: lembra do nome dela?

ASN: Dona "Dja".. não é... Ele tem a esposa legitima e tinha outra por fora, daqui, dona "Jane é, deve estar viva até hoje.

LCB: A senhora teve contato com ela?

ASN: Eu tenho ate hoje, as vezes eu passo por ela, diz que ela ta meio, não é Ivete, doente, esclerosada, parece, com depressão, é... Ela participava muito aqui, por aqui.

Entrava em um carro ai de tarde e saia por ai fazendo propaganda por ai afora. Dona Jane.

LCB: Me fala um pouquinho desse relacionamento que a senhora tinha com a ela, o jeito dela.

ASN: Eu nem sei assim do jeito dela, eu sei que ela que ela trabalhou aqui dentro, em um negócio assim. Mas naquela época eu não tinha muita intimidade com ela não...

Ivete: Essa eu quero ouvir, da memória da senhora. Como apareceram os primeiros políticos da região, a senhora consegue lembrar nome dos políticos daqui?

ASN: O primeiro político daqui era seu Barbosa

HB: Pode ser assim prefeito vereador

ASN: Ele não era ainda, ele deu isso aqui pra... Eu acho que foi assim ele deu isso aqui e ai ganhou na política, vereador, ele governou bem tudo nas na outra ninguém quis, ele começou assim a abusar um pouco, ai não ganhou mais não

HB: Teve outros?

ASN: Teve um que morreu

HB: eles vieram aqui...

ASN: Prefeito

HB: Outros vereadores...

ASN: O Washington reis que veio aqui construir a quadra, vinha o Zito veio aqui também, deixa eu ver quem mais...Esse que morreu agora pouco?

Ivete: O que morava perto do fluminense

ASN: Pera ai, eu sei quem é mas não to lembrada não, não to lembrada não era ate um baiano, não é?

Ivete: Isso mesmo

ASN: Diz dizem que foi ele que botou água aqui... Só isso que eu sei.

HB: A senhora ouviu falar de um “Tenório Cavalcante” na época?

ASN: Ouvia... Esse era lá do parque são José não é...

HB: O que falavam dele... Senhora lembra?

ASN: Eu ouvi falar que a casa dele... Era não sei quantos de ... Não era com tijolo só não, meu irmão que dizia isso, não sei se era verdade não. Parece que era meio valente. Eu sei que um dia fui no médico lá em Cascadura, ele falava assim de Caxias, ah! La em Caxias não era terra do Tenório? Ai dizia ah não deus me livre. Diz que ele não era muito legal não, não é mas não sei da vida dele, falavam muito em Tenório Cavalcante

HB: Mas o pessoal gostava dele, tinha alguma a relação dele com a vila?

ASN: Ele não vinha aqui não. Eu sei que tinha um também que era Armando Belo de França, esse também era vereador. Esse eu conheci ele e a esposa dele não sei se ele ainda tá vivo parece que ele era ali de Brás de Pina, foi pra lá pra aqueles lados

HB: ele era do centenário...?

ASN: É do centenário, o pessoal falava dele também.

LCB: A senhora se envolvia com política?

ASN: Não, nunca...

LCB: Não se envolvia porque não gostava... Tinha algum receita

ASN: Eu me envolvia no norte. Porque o prefeito que tava pra ser prefeito ele dizia assim, me arrume 40 votos, que eu arrumo um lugarzinho pra você dar aula, aí lá eu me envolvia, conhecia.

LCB: Aqui nunca teve interesse?

ASN: Aqui não, não me envolvia não.

HB: Como era transporte aqui em Caxias...

ASN: Aqui só tinha dois ônibus, assim mesmo não era ônibus, era aqueles carrinhos que, do início era um ônibus mas pequeno, era dois tinha até horário, pra lá e pra cá, só que eu era perto, até hoje as vezes eu vou a pé pra Caxias, pra dar força nos meus ossos das pernas eu ia a pé e vinha, agora não, agora tem muito ônibus, tá bom, antigamente que era difícil era por horário, era estrada de barro, cada buraco, aqui na entrada chovia, tinha um homem chapéu de couro, que vivia ali na entrada com a carroça, quem quisesse entrar aqui ele vendia passagem, até minha irmã veio pra cá, até falei o Zita tu pegou o taxi, (risos) a carroça, ela ficava puta comigo, a gente ria pra caramba, meu irmão ria a boca quando vinha aqui, o começo a gente se distraiu, com essas coisas, ele era um senhor que botava o paletó o paletó dele vinha aqui, ele era quem mandava, achava que era o prefeito aqui de dentro, depois ele morreu, era um buracão, chovia um temporal, até hoje quando da aqueles “temporalzão” entra água na casa dos outros.

LCB: O que mais a senhora lembra assim da vila operária, as coisas diferentes que tinham naquela época e não acontece mais hoje...

ASN: Eu sei que gostei do início, a gente não vivia sobrado não é nada, não sei se é minha idade que eu tenho medo assim a noite, foi depois que meu marido morreu tenho uma enteada, que tava dormindo aqui, aí ela disse assim passou dois caras aqui essa noite, que mentira mulher passou nada, ela: passou... Assim que eu entrei eles passaram sempre ela falava isso, mas eu nunca acreditei, um dia ela foi pra festa com o marido

quando ela chegou e viu, os cara vinha por aqui pulava ali, ia direto aqui, aqui eu tinha um pé de planta, de flor laranja, bem cheiroso, eles trepava, passava e vinha dormir atrás do meu quintal, teve uma vez, não sei se era coisa que eles fumavam, o era fio que queimava, eu disse ta um fedo de fio queimado, vamos procurar se é aqui na geladeira, ai a gente desligava tudo, e nada, esses caras já dormiam muito tempo aqui atrás, ai quando ele viu meu genro viu, só de meu genro ver eles tiveram medo, sumiram e não voltaram mais. Não precisou de guerra não é de nada

ASN: Então era divertido tinha um aspecto divertido...

ASN: Era tinha uma parte boa mas também, agora que a gente não confia mais...

LCB: Fala um pouquinho pra gente como era a água aqui a questão de energia de luz e da água...

ASN: Quando começou, quando vim pra aqui não tinha água, La pra baixo quem tinha água cedia pra gente ai a gente ia La e pegava as garrafas pra beber e daqui eu tinha poço, minha filha, esse pessoal do morro vinha tudo aqui pra minha casa pedir minha água do poço e era meio seco, e energia o cara botou, luz, não sei como que é o nome não lembro como da o nome, que a gente tinha depois tiraram e entrou a light, depois entrou o correio e foi assim.

LCB: E hoje... Ainda tem...

ASN: Correio não tem.

LCB: A senhora sabe porque não tem mais?

ASN: houve um negocio ai pra cima, a policia entrou trajada de correio, e pegou os caras que ele queria, já entrou mulher entregando carta, daí passa um mês ja não vem mais... Diz que foi, que todo mundo agora tem celular, diz que é por causa do celular, tira conta pela internet e daí inventaram isso...

HB: E quando tinha discussão briga nos vizinhos como resolvia as coisas assim... Tinha confusão, como se resolvia?

ASN: Não tinha não, naquela época, eu nunca vi confusão, logo no inicio não, no inicio não tinha não... Briga... Ai depois foi aparecendo, agora que tá não é, às vezes matam gente ai e a pessoa explica. Mataram uma vez aqui de frente a minha casa, que ele era proibido entrar aqui, entrou e veio ver a mãe, quando ele desceu veio o tiroteio ele se escondeu aqui dentro do Oscar aqui mesmo na frente e mataram, mas isso já faz tantos anos não é...

NKF: Então antigamente os moradores acostumavam se ajudar não é...

ASN: É...

NKF: Quando precisavam... Como é que era isso com os moradores? Essa relação?

ASN: Quando queriam fazer uma coisa assim, como foi à escola não é, ali na Vila, a escolinha municipal... As famílias se reuniam ai davam um pedacinho, um pouco do dinheiro, as igrejas as igrejinhas também foi doação...

LCB: Deixa-me fazer uma pergunta, você tinha falado que o pai dela tinha vindo para cá é isso?

NKF: Quem?

LCB: O pai dela tinha vindo para cá primeiro?

NKF: Não...

ASN: Não, o meu pai já tinha falecido a muitos anos...

LCB: Ata...

ASN: O meu pai faleceu lá na Paraíba...

LCB: Ata, entendi...

Ivete: O meu avô que veio para cá primeiro não é?

ASN: É!

LCB: Ah, o seu avô?

Ivete: O seu avô que era esposo dela, entendeu?

LCB: Ata! Você é a neta...

Ivete: Eu sou a neta dele, quando ele já tinha cinco filhos.

LCB: Ata! Agora entendi...

Ivete: Entendeu? Agora você entendeu (risos).

ASN: Ela tinha de quatro á cinco anos, que ela veio aqui, ai ela estava meio “doentinha”, ai eu pedi a mãe dela ela, ai ela disse “Mas ela não ai ficar” ai eu disse, ela fica sim, você coloca ela para dormir e quando ela dormir você vai embora (risos) e ela fica ela era pequenininha, passava até debaixo da mesa na escola, não era? Ai a mãe dela fez isso... Quando ela foi dormir ela nem perguntou pela mãe. Com os tempos a madrinha dela deu um cachorrinho a ela, ela sempre perguntava sobre o cachorro “Eu queria meu cachorrinho” eu não quero cachorro aqui não menina, ai ela foi apanhar esse cachorrinho, o cachorrinho de plástico não é... Era um brinquedinho, foi até a sua madrinha que te deu, ficou até hoje... Ai a outra a Iraci, dava mais doente do que ela, ai eu disse “Não, não vou querer outro menino não, não quero filho não” “Não, mais eu vou dá a madrinha dela, fulano não está tratando bem, não vejo muito em casa” ai lá vai, aquela confusão toda, deixou, ai o menino fugiu de casa, e veio para cá ai eu falei “Não quero você aqui não, o menino é muito levado e você vai me dá trabalho aqui” ele não

saiu, entrou aqui a força, eu fui levar ele em casa, você acredita de quando eu fui levar ele, eu o deixei lá ele pegou as roupas que tinha lá, porque ele tinha vindo sem nada, quando eu fui levar ele para casa ele pegou uma bolsa daquelas de supermercado de papel, quando eu chego minha filha ele está dentro da geladeira rindo, ai ele disse “Eu cheguei primeiro do que a senhora” (risos) “eu não vou” só saiu daqui quando foi casar (risos) morreu minha filha, agora já tem uns 10 anos não é?

Ivete: Nós éramos cinco não é, mas a mãe não tinha responsabilidade não é, ela separou pronto acabou, foi muito sofrimento como criança você ser filha de uma pessoa que não tem responsabilidade com casa, com comida, com nada...

ASN: Com nada minha filha...

Ivete: É complicado, é até hoje isso, até hoje... Eu soube que ela teve outros filhos também e deu todos eles.

ASN: Agora engraçado, ela adoeceu a mãe dela, e mandou um recado que era para as meninas ir lá cuidar dela lá, fazer qualquer coisa porque ela não estava podendo fazer nada, eu dei o recado para ela, dei o recado para outra ela, dei o recado para outra que o meu enteado cria uma, e eu dei para outra, ai ela disse “Eu não conheço essa mulher” eu falei “Conhece sim, vai lá que é sua mãe” “Eu não” ninguém foi, ninguém foi lá... Se ela pudesse ela já tinha me matado, ela já falou para mim na minha cara que o maior arrependimento que teve na vida foi de te me dado essas meninas “Andes eu tivesse deixado morrer de fome na rua” falou para mim não é, ai eu falei mais céus você fala uma coisa dessa “Eu falo” e não vem, ela estava de resguardo do primeiro filho eu falei “Você vai ali na casa da Ivete que ela esta de resguardo” eu falo “Não, quando eu vir da outra vez eu for, porque eu vou ali e eu estou com muita pressa” e não foi. É um coração minha filha duro mesmo que não tem jeito, não tem amor aos filhos e nada... Ela é professora estudou, se formou, a outra não se formou porque não quis mas estudou até... O segundo grau?

Ivete: Ela fez até o primário.

ASN: O primário, o menino também eu coloquei para trabalhar desde o 14 anos, pequenininho não tinha nem tamanho, ai eu fui ali no japonês que ele tinha uma...

Ivete: Oficina...

ASN: Oficina, ai ele disse “Minha senhora, esse menino tá bom é de estudar”, “Ele estuda” é que eu tinha medo que tinha uns bandidos brabos aqui, e eu tinha medo dele se envolver ai porque ele gostava muito de está na rua, ai eu falei para o homem “Ah, moço eu tenho muito medo daqui a rua desse menino fazer ai uma besteira”, mas graças

a Deus olha ele foi trabalhar nessa oficina, sei que ia comprar peça de carro ali na 25 de Agosto, ai o homem falou assim “Primeira vaga que aparecer é sua, porque só você é que tem esse cuidado de vir comprar a peça aqui” minha filha ele não tinha 16 anos, poucos anos ele foi trabalhar de carteira assinada e tudo, morreu quase no emprego, quando saiu de um já vinha outro em vista, graças a Deus!

LCB: Você dá aula aonde Ivete?

Ivete: Não, eu não dou aula não, eu cuido dela, não tenho como trabalhar porque eu fiquei com essa missão não é, mas eu já fiz trabalho de alfabetização na igreja aqui fiquei (inaudível) alfabetizamos senhoras assim não é, é muito bom...

LCB: Depois a gente vai conversar sobre isso (risos)

Ivete: Fui contratada pelo SESI e depois pela PUC, entendeu...

LCB: Tá...

LCB: “Talk três”, gravando!

LCB: Já teve outra pessoa fazendo entrevista com vocês aqui?

ASN: Não.

LCB: Lembra de alguma estrangeira que veio aqui para fazer entrevista?

ASN: Lembro não...

LCB: Mas alguma coisa?

HB: Não.

NKF: Não.

LCB: Consideração final, só para a gente relembrar aqui, a senhora veio para cá com 21 anos com cerca de 21 anos, criou cinco filhos com seu marido, Cero? E primeiro veio para o Centenário e depois veio para a Vila Operária

ASN: É!

LCB: Essa casa não estava construída...

ASN: Estava não...

LCB: Foi construído aos poucos, certo?

ASN: Certo!

LCB: Então assim no “geralção”, o que a senhora acha, achou da Vila Operária quando chegou e o que a senhora acha de agora?

ASN: Eu gostei quando eu vim para cá no inicio até agora foi o lugar melhor que eu achei de morar foi aqui...

LCB: Então a Vila Operária é um dos melhores lugares que a senhora conheceu?

ASN: Para mim é! Mas o pessoal fala “Ali aonde você mora é” eu tenho minha comadre que eu falei para você que ela mora em Nova Iguaçu, mas para comprar um pão vai longe, para ir ao mercado é longe, eu digo não eu tenho tudo perto, até perto do cemitério (risos)

Ivete: Tem a farmácia!

ASN: Tem farmácia! O que você precisar tem aqui

Ivete: Entendeu? Tudo tem perto até um posto de saúde na rua, olha que coisa boa!

ASN: Tem! Os médicos daqui são bons, aqui nesse posto, ninguém dá nada assim pensa que é gente de manhã para caramba, se você chegar doente eles ainda facilitam uma consulta, eu vejo gente aí, escuto por aí que vai aos hospitais não tem nada, nem atende nem nada, e aqui não... Tá bonzinho!

LCB: O seu Everaldo é o que dela? É filho?

Ivete: Não, é meu esposo...

LCB: Seu esposo?

ASN: É genro meu

LCB: Ah seu genro...

Ivete: Nós viemos aqui, que a gente morava aqui, só que eu casei e fui morar em Belford Roxo, só que meu avô ficou doente e agente veio para morar com ele, mas acabou que ficamos, porque depois ele morreu, ela “Não vai me deixar sozinha não, vai ficar aqui” e aí fomos ficando, eu não sei se vocês entendeu...

LCB: É porque quando fomos falar com ele, ele falou “Não é a minha sogra” aí para mim...

Ivete: Porque eu sou filha de consideração dela...

LCB: Ah, entendi...

Ivete: Eu sou neta do meu avô do primeiro casamento dele não é, e ela criou a gente a gente também criou os netos, ela criou uma filha do irmão dela que ela não lembra, mas ela criou, ela criou nós três, ela criou o filho do meu irmão e da minha irmã que ficou aqui um tempo com ela, ela criou a menina agora que está com trinta anos, até ontem ela estava aqui... Aí o que acontece, essas coisas ela não lembra mais, tem coisa que ela já não...

LCB: Tá! Depois eu vou fazer aquela entrevista separada com você...

Ivete: É você falou...

ASN: Eu acho que eu não parei de criar não, por que está vindo um néto aí (risos)

HB: Não é mole não (risos)

Ivete: Só vai criando (risos)

ASN: Tá vindo um neto!

LCB: Tá certo então... Estou satisfeita

ASN: Mas fico tão contente! Tem uma menininha ai de três anos não é, chama Maria Vitória, mas a “bichinha” é braba para danar, ela chega aqui é quebrando tudo é arrebrandando tudo, mas eu gosto dela, eu sinto falta dela (risos).

Ivete: Essas coisas de crianças, não é...

LCB: Então tá, Dona Aliete muito obrigada, tá?

ASN: De nada...

LCB: Pela senhora ter essa disponibilidade principalmente por você ter feito esse intercâmbio aqui com a gente, eu vou deixar depois o meu telefone contigo também, e depois vou pegar o seu porque ai eu vou voltar para fazer com você, segunda-feira eu vou fazer lá com ele, ai depois a gente vai reunir e também quero falar com a senhora ali na frente como você falou, e ele também falou a mesma coisa, acho que é na casa verde não é?

Ivete: É...

ASN: É porque o tempo que ela tem eu também tenho aqui...

Ivete: A Dona “Caboclinha”, a Dona Jovem entendeu?

ASN: É, é...

Ivete: Essa daqui também é Dona Chica não é?

ASN: É, é... Os antigos que tem que eu conheço é essa comadre aqui não é também

Ivete: É...

ASN: Mas muita gente já morou aqui e já saiu...

Ivete: O pessoal vieram tudo de uma vez só essas casas aqui, essa daqui não, porque vieram depois não é (inaudível)

LCB: Guarda para a gente fazer a entrevista separada com você

LCB: Eu ia perguntar agora, mas empolguei com sua resposta que você estava falando da (interrupção).

ASN: Eu fico assim querendo falar uma coisa aquilo vai embora e não volta (risos)

LCB: Eu falo muito também (risos)

ASN: É Lourenço, me lembrei do nome do vereador é Lourenço, agora foi que me lembrei, olha minha filha vai longe se eu for fazer jeito para voltar não volta não ai eu fico nervosa, ai eu digo “ah, deixa para lá”...

LCB: Ah lembrei, dos movimentos você percebia que as mulheres trabalhavam junto com os homens para construir suas casas? Como é a sua lembrança disso?

ASN: Trabalhava não é, essa senhora aqui eu chamo ela de Caboclinha, ela não tinha o marido dela sei lá ela fez a casinha dela com o irmão, a família dela não é, ela trabalhando arrumando aos pouquinhos...

Ivete: Aqui foi assim foi chegando um ajudando um pouquinho, ia chegando outro e ajudava o pessoal aqui era assim muito unido...

ASN: Aqui é assim, quando adocece um as pessoas vai visita e tudo, aqui não é fechado trancado não, aqui vem visita pergunta como está se preocupa com a pessoa...

LCB: Essas mulheres daqui são fortes são guerreiras? Como é a sua visão?

ASN: Elas são assim iguais a mim, não são “nem rica e nem pobre” (risos)

Ivete: (inaudível)... A Dona “Caboclinha” aqui foi com uma filharada sozinha, trabalhando, lavando roupa para fora para criar essas crianças todas que ela tinha aqui também, era cinco também não é?

ASN: É! Têm três filhos e todas as três viúvas

Ivete: Assim, mulheres aqui minha filha eram fortes, a Dona Maria que morava aqui que ela estava falando que era a comadre dela tinha a Dona Maria, a mãe da Soninha também...

LCB: Eu lembro, eu sei quem é eu trabalhei com a Soninha.

Ivete: A nossa infância foi toda para o lado de lá, a gente era mais chegado com o pessoal do lado de lá...

LCB: Me fala como era a convivência com o pessoal do lado de lá, como que a casa era aberta lá (interrupção)

ASN: Era porque era sem muro não é, tinha o quarto, fizeram um quarto a minha irmã fez um quarto ai tampou...

Ivete: A nossa infância não foi toda do lado de lá?

ASN: Foi... Porque era aberto direto, era quase igual essa minha casa assim, não era aquela casa assim fechada, tinha aquela vaga para lá, não égo vinha por aqui vinha por ali e passava ai, era aberto... Ai depois foi fechando foi fazendo casa, às vezes foi dividindo...

Ivete: Mas a convivência com dela (interrupção)

ASN: Ai eu conto três casas não é, tem uma que tem uma quitinete mora a filha, mora ela no meio e mora uma que eu considero sobrinha também uma neta, mora lá atrás também fechou...

LCB: Então as mulheres para a senhora eram mulheres trabalhadoras...

ASN: Eram... A falecida Caboclinha aqui trabalhava em casa de família para criar os filhos, tinha a dona Severina aqui que ela tinha um barzinho, essa já morreu,

Ivete: A Dona Severina criava até bicho

ASN: É, ela criou até um boi (risos) eu não sei se foi raiva que o pessoal teve, deu uma tremedeira no boi e morreu, mas ela achou que foi veneno, mas um comadre meu que criava vaca essas coisas, disse que foi raiva que deu no bezerro, aí eu como é que uma pessoa na rua vai criar um bezerro meu Deus...

Ivete: Mas ela criava muita coisa não é, ela cabra, era vaca, era tudo, quando você pensava que não estava passando um bicho aí (risos).

ASN: Mas naquela época as casas eram tudo de tijolo assim, não era asfalto, não era embolsada nem pintada e nem nada...

Ivete: Para você ter uma ideia quando eu vim morar com ela a casa não era nem piso, era chão...

LCB: Guarda isso que eu vou te fazer perguntas (risos) Então, é isso não é gente, podemos terminar? Podemos terminar! Então tá bom, foi ótimo!

HB: Foi ótimo!

NKF: Foi muito bom!

ASN: Desculpa tá alguma coisa aí que der repente faz...

LCB: Eu que peço desculpas por invadir a sua casa e tal... Eu não expliquei no começo eu não sei se ela explicou, eu faço parte de uma pesquisa eu estou fazendo um documentário sobre as memórias da Vila Operária não é, então eu estou fazendo esse recorde primeiro feminino das mulheres, a luta de cada mulher aqui, e aí quando ela falou da senhora: Nossa! Por mim tinha vindo na mesma hora para fazer não é, mas tinha que montar o equipamento e tudo. Então, assim eu agradeço imensamente pela senhora ter se disponibilizado, de repente meu professor vai querer conhecer a senhora também você pessoalmente, mas aí eu marco com ela, tá bom?

ASN: Tá bom!

LCB: Aí assim que o documentário tiver pronto todo esse recorde porque ainda tem muita gente, eu vou fazer uma seção especial para vocês...

Ivete: Eu só te digo uma coisa, a primeira professora que teve aqui foi ela...

ASN: Fui eu!

LCB: Olha aí

Ivete: Ela alfabetizou muita gente!

ASN: Tá aparecendo não é Ivete...

Ivete: Muita gente é apaixonada por (inadiável)

ASN: Eu encontro com gente ai, com aluno já caminho andado não é me abraça “Minha primeira professora” eu fico morta de vergonha, às vezes no mercado tá cheio de gente ai eu digo “Ah, minha Nossa Senhora” “Olha aqui gente essa aqui foi a minha primeira professora” para mim, eu fico com aquela vergonha parece que tá todo mundo me olhando...

LCB: Como é que a senhora, porque agora você me falou um dado novo, eu não sabia que a senhora tinha dado aula lá, achei que ia terminar a entrevista, mas eu não vou terminar agora não (risos) Como foi que a senhora foi dá aula lá? Foi em qual escola?

ASN: Foi aqui em baixo, eu tinha um, tá ai escrito que eu já falei sobre isso, eu tinha até um sobrinho primo que fez umas carteiras, tinha um quadro negro assim... Aqueles meus primeiros alunos já está tudo em uma idade assim, eles passam por aqui e fala comigo...

LCB: Bom agora eu acho que já foi

ASN: É

NKF: O marido da senhora também gostava daqui?

ASN: Quem?

NKF: O marido da senhora, porque casou e veio para cá...

ASN: Gostava, gostava...

NKF: Ele já conhecia não é?

ASN: É...

LCB: A senhora lembra quem te apresentou o seu Barboza para vocês?

ASN: Eu falei que eu estava no hospital ai veio um enteado meu e disse que tinha um vizinho que tinha ganhado um terreno aqui e ele iria ver se ganhasse também, ai meu marido quando foi me visitar eu falei “Eu soube que está dando uns terrenos, vê se arranja uns terrenos para a gente sair” porque eu morava no centenário, mas era lá nos fundos, era uma avenida parece que tinha umas quatro casas e outra assim aprontando, ai a moca da avenida era esclerosada tinha um menino que ninguém nem podia olhar para o menino, aquele menino era ouro para ela, ai eu sei que não vai dá muito certo não, ai eu sai dali porque eu com cinco filhos, ai tinha o seu Lucas o homem que tinha lá, ai ele disse “Tem, lá tem, só que os pedaços lá agora é mais difícil e ninguém quer” ai ele veio aqui e conseguiu, foi por intermédio...

LCB: Tá ótimo! Agora a gente para não é (risos)

NKF: É (risos)

LCB: Agora foi! Vamos desmontar tudo agora.